

SILÊNCIO E A REGULAÇÃO DO AFETO: MASCULINIDADES NEGRAS EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

SILENCE AND THE REGULATION OF AFFECT:
BLACK MASCULINITIES IN *PONCIÁ VICÊNCIO*

Maria Aparecida Cruz de Oliveira

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (Brasília/Brasil).
Professora na Universidade Federal da Paraíba – UFPB (João Pessoa/Brasil).
E-mail: maricruzdeoliveira@gmail.com

Maynara Kelly Paulino de Souza

Graduada em Letras – Português pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB (João Pessoa/Brasil).
Professora de Língua Portuguesa (João Pessoa/Brasil).
E-mail: maynara.kelly@academico.ufpb.br

Recebido em: 23 de janeiro de 2026

Aprovado em: 25 de abril de 2026

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 23 | n. 2 | p. 46-63 | jul./dez. 2026

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.4642>

RESUMO

Este artigo analisa as dinâmicas de silêncio e a interdição do afeto associadas às masculinidades negras no romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Parte-se da hipótese de que os personagens masculinos são configurados sob um regime de silenciamento que, ao mesmo tempo, reproduz e tensiona a colonialidade do ser, o racismo estrutural e o patriarcado. A análise, de caráter discursivo-literário, orienta-se por uma perspectiva interseccional e decolonial, em diálogo com Frantz Fanon (2008), Nelson Maldonado-Torres (2022), Neusa Santos Souza (2021) e bell hooks (2021). Argumenta-se que o silêncio (Eni Orlandi, 2007), no romance, não se reduz à ausência discursiva, mas constitui uma tecnologia de regulação afetiva, por meio da qual se organizam tanto os efeitos da violência histórica sobre a subjetividade negra quanto estratégias ambivalentes de sobrevivência. A leitura de diferentes configurações de masculinidade, do trauma herdado do avô à paternidade contida, da formação identitária de Luandi às estratégias de adaptação de Soldado Nestor, evidencia que a contenção afetiva opera como marca da desumanização colonial e, simultaneamente, como possibilidade de resistência. Sustenta-se, por fim, que a obra inscreve uma pluralidade de masculinidades negras que desafiam os regimes hegemônicos de representação ao reinscrever o afeto como campo de disputa política.

Palavras-chave: masculinidades negras. Interdição do afeto. colonialidade do ser. *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This article analyzes the dynamics of silence and the interdiction of affect associated with Black masculinities in the novel *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo. It is based on the hypothesis that male characters are configured within a regime of silencing that both reproduces and challenges the coloniality of being, structural racism, and patriarchy. The analysis, of a discursive-literary nature, is guided by an intersectional and decolonial perspective, in dialogue with Frantz Fanon (2008), Nelson Maldonado-Torres (2022), Neusa Santos Souza (2021), bell hooks (2021). It argues that silence (Eni Orlandi, 2007), in the novel is not merely the absence of discourse, but rather constitutes a technology of affective regulation through which both the effects of historical violence on Black subjectivity and ambivalent strategies of survival are organized. The reading of different configurations of masculinity, from the grandfather's inherited trauma to constrained fatherhood, from Luandi's identity formation to Soldier Nestor's strategies of adaptation, demonstrates that affective restraint operates both as a mark of colonial dehumanization and as a possibility of resistance. Finally, it is argued that the work inscribes a plurality of Black masculinities that challenge hegemonic regimes of representation by reinscribing affect as a field of political struggle.

Keywords: Black masculinities. interdiction of affect. coloniality of being. *Ponciá Vicêncio*. Conceição Evaristo.

1 INTRODUÇÃO

As representações das masculinidades negras na literatura brasileira contemporânea têm se constituído como importante campo de problematização crítica das relações entre raça, gênero, subjetividade e violência. Em oposição a imagens historicamente essencializadas que associam homens negros à brutalidade, à hipersexualização ou à desumanização, parte significativa da produção literária contemporânea desloca o foco para os efeitos subjetivos da colonialidade e do racismo estrutural sobre a experiência afetiva desses sujeitos. Assim, a obra de Conceição Evaristo destaca-se por construir personagens negras complexas, atravessadas por memória, violência histórica, deslocamento e precarização dos vínculos de pertencimento.

A fortuna crítica de *Ponciá Vicêncio* concentra-se, em grande medida, nas discussões sobre memória, ancestralidade, identidade e experiência feminina negra. Embora fundamentais, essas leituras tendem a relegar as masculinidades presentes no romance a posições secundárias ou meramente relacionais. No entanto, personagens como Vô Vicêncio, o pai de Ponciá, Luandi, o marido de Ponciá e o Soldado Nestor configuram um campo importante de problematização das formas pelas quais a violência racial e patriarcal atravessa a subjetividade masculina negra. Suas trajetórias explicitam modos distintos de elaboração do afeto, do silêncio e da violência, revelando como a colonialidade atua também sobre as possibilidades de expressão emocional e reconhecimento subjetivo desses sujeitos.

Longe de se reduzir à ausência de fala, o silêncio que atravessa essas personagens constitui uma forma histórica de produção de sentido vinculada às experiências de racialização, violência e contenção afetiva. Nesse sentido, dialoga-se com Eni Orlandi, para quem o silêncio não corresponde ao vazio discursivo, mas integra o próprio funcionamento da linguagem. A autora distingue o “silêncio fundador”, que produz as condições do dizer, das formas políticas do silêncio associadas à interdição e à censura. Conforme Orlandi (2007, p. 24):

Por isso, distinguimos entre: a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura) (Orlandi, 2007, p. 24).

Assim, o silêncio presente nas trajetórias masculinas do romance não indica ausência de subjetividade, mas revela os limites históricos impostos à expressão afetiva de sujeitos negros sob a colonialidade do ser.

A análise aqui proposta parte da hipótese de que, em *Ponciá Vicêncio*, o silêncio opera simultaneamente como efeito da desumanização colonial e como mecanismo ambivalente de sobrevivência. As masculinidades negras representadas no romance são atravessadas por processos históricos que restringem o acesso ao afeto, à vulnerabilidade e ao reconhecimento subjetivo. No interior dessa lógica, o silêncio emerge não apenas como interdição discursiva, mas como forma de regulação emocional produzida sob violência racial e patriarcal.

A discussão articula contribuições dos estudos decoloniais, dos estudos raciais e das reflexões sobre afeto e masculinidades negras. O conceito de “colonialidade do ser”, formulado por Nelson Maldonado-Torres (2022), permite compreender os efeitos ontológicos da experiência colonial sobre sujeitos racializados. Em diálogo com Frantz Fanon (2008), analisa-se como a racialização produz formas específicas de alienação, fragmentação subjetiva e controle do corpo negro. As contribuições de Neusa Santos Souza (2021) ajudam a pensar os efeitos psíquicos da inserção do sujeito negro em estruturas organizadas pela branquitude, enquanto bell hooks (2021) subsidia a reflexão sobre amor, violência, cuidado e impossibilidade afetiva em sociedades patriarcais.

Este artigo desenvolve uma análise discursivo-literária de caráter qualitativo, orientada por perspectiva interseccional e decolonial. O corpus analítico é constituído pelas personagens masculinas que ocupam posições estruturantes na economia afetiva do romance: Vô Vicêncio, o pai de Ponciá, Luandi, o marido de Ponciá e Soldado Nestor. A seleção dessas personagens decorre da maneira como suas trajetórias figuram diferentes formas de elaboração da violência, contenção afetiva e relação com o silêncio. O procedimento analítico centra-se na leitura crítica de cenas em que se manifestam conflitos ligados ao afeto, à racialização, ao corpo e às relações de poder, observando-se como a narrativa articula subjetividade e experiência histórica. As categorias “colonialidade do ser”, “política do silêncio” e “regulação afetiva” operam nesse percurso como chaves interpretativas para compreender a construção das masculinidades negras no romance.

Ao deslocar a masculinidade negra do campo da essencialização para o da problematização histórica, *Ponciá Vicêncio* ratifica que o afeto constitui espaço central de disputa política. O romance inscreve o silêncio não como vazio, mas como marca de experiências históricas de exclusão, violência e sobrevivência, revelando os modos pelos quais a colonialidade atravessa a constituição subjetiva das personagens masculinas negras.

2. VÔ VICÊNCIO: TRAUMA COLONIAL, SILÊNCIO E AFETIVIDADE INTERDITADA

A recorrente ausência de nome próprio, como ocorre com o avô da protagonista, não constitui simples detalhe narrativo. Trata-se de uma marca simbólica do processo histórico de despossessão imposto aos sujeitos negros, cujas identidades foram frequentemente reduzidas ou apagadas pela lógica colonial. O silêncio que atravessa Vô Vicêncio não se reduz à ausência de fala ou à incapacidade de expressão. Ele constitui uma forma de significação marcada pela memória da violência e pela permanência de experiências históricas que não se deixam traduzir integralmente pela linguagem. Aproxima-se, assim, do que Eni Orlandi denomina “silêncio fundador”, entendido como aquele que “existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significativo” (Orlandi, 2007, p. 24). O silêncio da personagem opera, desse modo, como inscrição histórica de um trauma que atravessa gerações e reorganiza as possibilidades de subjetivação masculina negra.

O avô de Ponciá é apresentado como “o primeiro homem que Ponciá conheceu” (Evaristo, 2020, p. 10), o que o coloca como referência inaugural na constituição de sua experiência afetiva. Essa posição, entretanto, é tensionada pela forma como sua subjetividade se manifesta na narrativa, marcada por uma corporeidade atravessada pela violência e por um colapso afetivo reiterado: “Ele vivia entre choros e risos, choros e risos” (Evaristo, 2020, p. 10). A repetição não apenas descreve um estado emocional, mas aponta para a impossibilidade de estabilização subjetiva, como se o personagem estivesse aprisionado em uma oscilação contínua que impede a elaboração do sofrimento.

Essa condição não pode ser dissociada da experiência histórica da escravidão e de suas continuidades no período pós-abolicionista. O romance explicita que, mesmo após a Lei do Ventre Livre, a lógica de exploração permaneceu intacta: “Os filhos foram vendidos. A lei dizia que eram livres, mas a vida dizia outra coisa” (Evaristo, 2020, p. 30-31).

A crise entre lei e vida aponta que a liberdade jurídica não implicou transformação das condições materiais e afetivas de existência. Vô Vicêncio é representado como sujeito cuja humanidade é sistematicamente negada, situação que culmina em extrema violência contra si e contra a família: “... o desespero venceu... matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento” (Evaristo, 2020, p. 30-31).

Longe de ser entendido como ato individual desviante, esse episódio deve ser compreendido como expressão limite de uma subjetividade produzida sob violência estrutural. Como analisa Neusa Santos Souza, “castrado em sua iniciativa, tolhido em sua espontaneidade, o negro passou a reagir, em vez de agir”

(Souza, 2021, p. 66). O gesto do avô inscreve-se, assim, no campo da reação, revelando a precariedade de uma agência sistematicamente interdita.

A sobrevivência do personagem após o episódio não representa redenção, mas intensificação da violência. Tornando "inútil" ao sistema, ele passa a ocupar o lugar da descartabilidade: "Já não servia nem para ser vendido. (...) Deixavam-no sem comida, como castigo" (Evaristo, 2020, p. 30-31).

Essa passagem expõe a transformação do sujeito em resto social, em corpo cuja existência perde valor no interior de uma economia racializada. Tal condição pode ser aprofundada a partir do conceito de "colonialidade do ser" formulado por Nelson Maldonado-Torres (2022), segundo o qual a modernidade colonial institui uma diferença ontológica radical que posiciona sujeitos racializados no limiar do não-ser, produzindo existências marcadas pela descartabilidade e pela exposição constante à morte (Maldonado-Torres, 2022, p. 48). Nesse horizonte, a mutilação física e o colapso psíquico do avô não são eventos isolados, mas expressões de uma estrutura que organiza a própria possibilidade de existência.

A leitura de Frantz Fanon permite compreender essa experiência como efeito de uma subjetividade cindida pela lógica colonial, na qual o sujeito negro é forçado a se constituir a partir de referências externas e hierarquizadas (Fanon, 2008, p. 33). No caso do avô de Ponciá, essa cisão se manifesta de forma condensada em sua instabilidade afetiva, expressa na oscilação entre "choros e risos".

A dimensão psíquica desse processo é aprofundada por Souza (2021), ao afirmar que o sujeito negro é levado a "ver-se com os olhos e a falar a linguagem do dominador" (2021, p. 66), internalizando um ideal de ego inalcançável. Essa impossibilidade de correspondência entre o eu e o ideal intensifica a tensão psíquica, podendo levar à ruptura, como se observa na trajetória do avô. Seus estados emocionais extremos não são sinais de descontrole individual, mas efeitos de uma estrutura que inviabiliza a constituição de uma identidade autônoma.

Além disso, o personagem pode ser compreendido como uma figura ancestral, que transmite, às gerações seguintes, não apenas memória, mas também experiências traumáticas não elaboradas. Como observa Souza, os antepassados "constroem o sistema superego ideal do ego" (Souza, 2021, p. 72), ou seja, participam da formação das referências psíquicas que orientam a relação do sujeito consigo e com o mundo, inscrevendo expectativas, silêncios e marcas de violência. Nesse sentido, Vô Vicêncio encarna uma herança que ultrapassa sua própria existência, projetando-se nas gerações seguintes como continuidade de uma experiência marcada pela contenção afetiva.

Dessa forma, o silêncio que atravessa a personagem não pode ser interpretado como ausência, mas como efeito histórico e político de uma ordem que regula a possibilidade de existência dos sujeitos negros. Trata-se de um silêncio marcado pela violência e pela interdição afetiva. Ao inscrever essa experiência na

materialidade da linguagem e do corpo, *Ponciá Vicêncio* corrobora que a colonialidade não apenas explora, mas produz formas específicas de subjetivação.

3 PAI DE PONCIÁ: PATERNIDADE NEGRA E AFETO SOB CONTENÇÃO

O pai de Ponciá Vicêncio, assim como o avô, é apresentado como uma figura sem nome próprio, inscrição simbólica que remete à despossessão histórica dos sujeitos negros e à precariedade de seu reconhecimento social. Sua existência se constrói sob o signo do silêncio, da contenção afetiva e da permanência das estruturas coloniais, confirmando que a abolição formal não implicou ruptura efetiva nas condições de vida da população negra.

Desde a infância, sua subjetividade é moldada por experiências de violência. O trabalho como pajem na casa-grande o expõe a práticas sistemáticas de humilhação, nas quais a lógica escravocrata se reproduz inclusive na relação entre crianças:

Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (Evaristo, 2020, p. 12).

A cena explicita um regime de desumanização que ultrapassa a exploração econômica, atingindo o corpo e a dignidade do sujeito negro em sua dimensão mais elementar. Trata-se de uma experiência que, à luz de Nelson Maldonado-Torres (2022), pode ser compreendida como manifestação da “colonialidade do ser”, isto é, de uma estrutura que produz sujeitos situados no limiar do não-ser, cuja humanidade é sistematicamente negada (Maldonado-Torres, 2022, p. 48). O corpo negro não é apenas explorado, mas convertido em objeto de violência e humilhação, instaurando marcas profundas na constituição psíquica. Apesar dessa violência, o personagem demonstra, ainda na infância, capacidade de reflexão crítica sobre sua condição: “Se eram livres por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto ao pai, com jeito, muito jeito. Tinha medo dos ataques dele” (Evaristo, 2020, p. 12).

Essa pergunta ratifica uma consciência que tensiona a naturalização da opressão. No entanto, tal impulso crítico é imediatamente contido pela violência paterna, revelando a internalização da lógica colonial no interior da família: “O braço cotoco do homem ao bater pesava como se fosse de ferro. Era certo na pancada. Atingia-lhe sempre na cabeça, provocando um gosto de sangue na boca” (Evaristo, 2020, p. 12).

A cena explicita um ponto central: a violência estrutural não opera apenas como coerção externa, mas se infiltra nas formas de agir e de se relacionar, reorganizando a vida afetiva no interior da família. Nessa direção, Neusa Santos Souza demonstra como o racismo compromete a iniciativa e a espontaneidade do sujeito negro, deslocando sua atuação no mundo para uma lógica de contenção e resposta, e não de elaboração (Souza, 2021, p. 66). O pai de Ponciá incorpora esse regime, uma vez que sua experiência é marcada por uma afetividade comprimida, constituída por silêncios e dificuldades de simbolização do trauma. O romance articula uma transformação progressiva da expressividade emocional:

O pai de Ponciá não era dado a muitos risos, caladão, quieto, guardava para si os sentimentos. Quando menino, não. Apesar dos mandos do sinhozinho e da aparente obediência cega, que era obrigado a demonstrar, ele revelava as suas tristezas com imensas lágrimas, assim como gritava alto os seus risos. Entretanto, foi crescendo e aprendendo a disfarçar o que lá de dentro vinha (Evaristo, 2020, p. 19).

A passagem explicita a aprendizagem do silêncio como prática social, indicando que a masculinidade negra, nessa dinâmica, é produzida por meio da repressão afetiva. O sujeito aprende a conter emoções como estratégia de sobrevivência em um mundo que pune sua vulnerabilidade. É nesse ponto que a reflexão de bell hooks contribui para compreender a dimensão afetiva dessa formação. Ao discutir a aprendizagem do amor na infância, a autora afirma (hooks, 2021, p. 38):

O amor esteve sempre e apenas associado a se sentir bem. No início da adolescência, quando apanhávamos e nos diziam que essas punições eram “para o nosso próprio bem” ou “estou fazendo isso porque te amo”, meus irmãos e eu ficávamos confusos. Por que uma punição severa era um gesto de amor? (...) Como fazem as crianças, fingíamos aceitar essa lógica dos adultos, mas sabíamos em nosso coração que isso não estava certo. Sabíamos que era mentira. Tal como a mentira que os adultos contavam logo depois dessas punições tão duras: ‘Dói mais em mim que em você!’ (...) Nada cria mais confusão em relação ao amor no coração e na mente de crianças do que punições duras e/ou cruéis aplicadas pelos mesmos adultos que elas foram ensinadas a amar e respeitar. Essas crianças aprendem desde cedo a questionar o significado do amor e a ansiar por ele, mesmo quando duvidam que exista (hooks, 2021, p. 53).

No caso do pai de Ponciá, essa confusão se materializa na relação com o próprio pai: “Quando menino, ainda pequeno, tivera, talvez, medo, respeito, amor. Depois de tudo, pavor, ódio, e vergonha, muita vergonha (...)” (Evaristo, 2020, p. 15). A oscilação entre medo, amor e ódio revela a impossibilidade de estabilizar o afeto em um contexto em que violência e cuidado “coexistem” de forma contraditória. Tal experiência compromete a construção de vínculos afetivos na vida adulta, produzindo uma paternidade marcada pela presença ambígua: há cuidado, mas ele é atravessado por silêncio, distância e exaustão. Na

vida adulta, o personagem incorpora uma masculinidade estruturada pela contenção: “Do pai só se ouvia uma resposta ecoando: hum, hum, hum...” (Evaristo, 2020, p. 33).

Esse quase mutismo não é ausência de linguagem, mas forma de expressão limitada por condições históricas. Como sugere Frantz Fanon, o sujeito negro é constantemente colocado em uma posição em que sua fala é regulada pelo olhar do outro, de modo que “falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33). O silêncio, nesse sentido, pode ser compreendido como estratégia de autopreservação diante de um mundo que nega reconhecimento.

Apesar disso, o romance apresenta brechas de afetividade. A relação com a família é constituída por gestos de cuidado e pela musicalidade, que funciona como prática de resistência: “Cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai ... era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos” (Evaristo, 2020, p. 50).

A cantiga articula memória, ancestralidade e pertencimento, configurando um espaço simbólico no qual a humanidade negada pode ser parcialmente reinscrita. No entanto, essas brechas não anulam a força da exploração. O trabalho contínuo nas terras dos brancos limita drasticamente sua presença familiar: “Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça ... Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha” (Evaristo, 2020, p. 14).

A paternidade é tensionada entre o desejo de cuidado e a impossibilidade material de exercê-lo plenamente. Como discutem Osmundo Pinho e Rolf Malungo de Souza (2019, p. 5), a masculinidade negra é produzida em condições que dificultam o exercício do afeto, exigindo negociações constantes entre sobrevivência e vínculo.

O desfecho da trajetória do personagem intensifica essa lógica de exploração: “o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu” (Evaristo, 2020, p. 19-20). A morte no trabalho tensiona o grau máximo de desumanização, o corpo negro se dissolve na lógica produtiva que o consome. Não há interrupção ritualizada, nem reconhecimento, apenas continuidade do trabalho e silêncio.

Dessa forma, o pai de Ponciá não representa uma masculinidade plenamente constituída, mas uma subjetividade tensionada, produzida no interior da colonialidade. Sua trajetória revela que o afeto, embora presente, é constantemente interditado por estruturas de exploração, violência e negação da humanidade que organizam a vida negra. O silêncio que o define não é vazio, mas marcado pela história da violência e pela interdição afetiva.

4 LUANDI: AFETIVIDADE E MASCULINIDADE EM TRÂNSITO

Luandi é inicialmente apresentado apenas por sua posição familiar, filho e irmão, assim como seu pai e seu avô, cujas identidades se diluem na experiência coletiva da ancestralidade negra. A revelação tardia de seu nome completo, "Luandi José Vicêncio" (Evaristo, 2020, p. 42), não constitui um detalhe narrativo secundário, mas um gesto simbólico de individualização: nomear-se é, aqui, emergir como sujeito em uma ordem que historicamente negou aos homens negros o direito à singularidade.

Sua infância é interrompida precocemente pelo trabalho na roça, o que implica não apenas a inserção na lógica produtiva, mas também a ruptura com os vínculos afetivos, sobretudo com Ponciá. Ainda assim, a relação entre os irmãos se sustenta em um afeto silencioso, que resiste à ausência de afetos explícitos: "(...) mesmo sem se tocarem, nem se abraçarem sequer, se amavam muito" (Evaristo, 2020, p. 16). Essa contenção afetiva inscreve-se no que Eni Orlandi denomina silêncio constitutivo: "para dizer é preciso não-dizer" (Orlandi, 2007, p. 24). A ausência de toque e abraço não significa vazio afetivo, mas a internalização de uma regulação histórica que interdita a expressividade como condição de sobrevivência em um mundo racista.

A trajetória de Luandi é constituída por uma herança que não vivenciou diretamente, mas que o constitui. Como afirma Neusa Santos Souza, "os antepassados ocupam um lugar privilegiado na história do negro brasileiro (...), suas palavras têm estatuto de verdade e força de lei, e seus projetos não realizados são o destino dos descendentes" (Souza, 2021, p. 72). Diferentemente do avô, cuja experiência resulta em colapso, Luandi transforma essa herança em movimento: ele parte. Ao migrar para a cidade em busca da irmã e de melhores condições de vida (Evaristo, 2020, p. 28), inscreve-se em um novo regime de exploração, no qual a promessa de ascensão substitui a coerção explícita da escravidão.

Sob essas condições, emerge um desejo central: tornar-se "alguém". Ao aspirar "juntar dinheiro e ficar rico" (Evaristo, 2020, p. 40), Luandi não expressa apenas ambição econômica, mas um anseio por reconhecimento social e ontológico. Esse desejo se articula à lógica da colonialidade e do capitalismo, que definem valor e humanidade a partir de critérios externos ao sujeito.

É nesse ponto que a leitura de Frantz Fanon se torna importante: "Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão (...), mais branco será" (Fanon, 2008, p. 34). Em Luandi, esse processo não se limita à mobilidade social: trata-se de um deslocamento ontológico, no qual sua condição de homem negro rural é percebida como insuficiente. Ele não busca apenas melhorar de vida, mas tornar-se outro, alguém legitimado pelo olhar dominante.

Essa dinâmica se intensifica no encontro com o Soldado Nestor. Ao ver um homem negro em posição de autoridade, Luandi projeta nele a possibilidade de reconhecimento. No entanto, essa identificação é abarcada por uma contradição: Nestor representa, simultaneamente, acolhimento e aparato de controle. Sua figura não pode ser lida apenas como emancipatória, pois integra o aparelho estatal que historicamente disciplina corpos negros.

O desejo de vestir a farda explicita esse impasse. Ao retornar à Vila Vicêncio trajado como soldado, Luandi espera ser reconhecido como alguém de mando. Contudo, a narrativa desmonta essa expectativa: "(...) ninguém lhe disse que ele estava feito gente de mando" (Evaristo, 2020, p. 50). A indiferença da comunidade revela o limite da assimilação, os signos do poder não alteram sua posição estrutural.

Esse momento marca o início de um processo de deslocamento. O retorno à terra, antes associado a dor, passa a ser reconfigurado como espaço de memória e pertencimento: "chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar" (Evaristo, 2020, p. 50). O canto herdado do pai reinscreve Luandi em uma linhagem afetiva que havia sido parcialmente negada.

A relação com o soldado Nestor desloca-se para outra dimensão. Para além da identificação inicial, ela se constitui como vínculo afetivo que tensiona os modelos hegemônicos de masculinidade: "as masculinidades negras podem ser reposicionadas como práticas complexas e polissêmicas, como processos sócio-históricos ambivalentes (...), como experiências tensas, difusas e diversas de socializações" (Ribeiro e Faustino, 2017, p. 14). A relação entre Luandi e Nestor apresenta exatamente essa complexidade: não se trata de uma masculinidade fundada na dominação, mas na partilha, no cuidado e na construção de vínculos.

Essa reconfiguração se aprofunda na relação com Biliza. Ao se apaixonar por uma mulher também situada à margem, Luandi constrói uma experiência afetiva que escapa à lógica da mercantilização. O vínculo entre ambos se estabelece na escuta e na vulnerabilidade, configurando uma tentativa concreta de reinscrever o amor como possibilidade de existência.

Nesse sentido, a reflexão de bell hooks é fundamental: "Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa (...), reconhecemos que o cuidado, o compromisso, a responsabilidade e o conhecimento são componentes essenciais do amor" (hooks, 2021, p. 44-45). A relação entre Luandi e Biliza se aproxima dessa concepção ao se constituir como projeto de futuro e espaço de construção mútua. No entanto, essa possibilidade é brutalmente interrompida. Após sua morte, "o rapaz não deixava o minúsculo espaço do quarto (...) Chorava muito" (Evaristo, 2020, p. 68). O luto de Luandi configura não apenas a perda individual, mas a violência estrutural que atravessa as experiências afetivas negras.

A virada decisiva ocorre no reencontro com a mãe e com Ponciá: “só a voz dele mexeu gritando um nome. O nome de Ponciá Vicêncio ecoou na estação...” (Evaristo, 2020, p. 71). A cena, marcada por emoção e distanciamento, traz a dificuldade de recomposição dos vínculos, mas também a persistência do desejo de pertencimento. Esse movimento se intensifica com a fala de Nêgua Kainda, que questiona o sentido do poder individual: “de que valeria mandar tanto, se sozinho?” (Evaristo, 2020, p. 54-55).

A partir desse deslocamento, Luandi passa a reconfigurar sua compreensão de existência. Ao abandonar a farda, reconhece que sua vida “só tomaria corpo (...) se se tornasse matéria argamassa de outras vidas” (Evaristo, 2020, p. 73-74). A metáfora da argamassa desloca o eixo da identidade, o sujeito deixa de buscar reconhecimento individual e passa a se constituir na relação com o coletivo.

Esse movimento não elimina as condições estruturais de opressão, mas abre uma brecha. A masculinidade de Luandi se constrói, assim, como processo tensionado entre assimilação e pertencimento, entre silêncio e expressão. O romance não oferece uma síntese conciliadora, mas sinaliza que, mesmo sob a permanência da colonialidade, o afeto pode operar como prática de resistência e como possibilidade de reconstrução subjetiva e coletiva.

5 MARIDO DE PONCIÁ: MASCULINIDADE EM CRISE E REPRODUÇÃO DA VIOLÊNCIA

O marido de Ponciá é apresentado como uma figura sem nome e sem passado próprio, cuja existência narrativa se define exclusivamente a partir da relação com a protagonista. Sua história não é construída de modo autônomo, mas emerge apenas como “a pessoa por quem Ponciá Vicêncio estava enamorada” (Evaristo, 2020, p. 38), revelando uma subjetividade rarefeita, marcada pela ausência de profundidade identitária e pela dependência afetiva.

A relação se inicia por atração recíproca. Ponciá representa, para o companheiro, a vitalidade que lhe falta, enquanto ele se percebe incapaz de sustentar projetos ou imaginar futuros próprios (Evaristo, 2020, p. 38). Essa admiração, contudo, não se converte em reconhecimento da alteridade, mas em um investimento afetivo que se aproxima do que bell hooks (2021) define como catexia: “Esse processo de investimento em que a pessoa amada se torna importante para nós é chamado ‘catexia’ (...) insistem que amam a outra pessoa, mesmo magoando-a ou negligenciando-a. O que eles sentem é catexia, mas insistem que é amor” (hooks, 2021, p. 41-42). O vínculo estabelecido pelo companheiro de Ponciá não se fundamenta no cuidado ou no compromisso com o crescimento mútuo, mas em uma idealização que reduz a mulher à função de suprir suas carências emocionais.

A relação se desestabiliza quando o silêncio de Ponciá, vinculado à sua história traumática e à reconexão com a ancestralidade, passa a produzir estranhamento no companheiro. O episódio da escultura do avô

explicita esse conflito: “a moça mostrou-lhe um homem-barro que tinha feito quando criança (...) sentiu um arrepio (...) Pediu então que ela guardasse a lembrança” (Evaristo, 2020, p. 38). O arrepio representa não apenas desconforto, mas a incapacidade de lidar com a dimensão histórica e afetiva que estrutura a subjetividade de Ponciá, percebida como ameaça à estabilidade da relação. À medida que ela se distancia emocionalmente, atravessada pela perda de seus vínculos e pela busca de pertencimento, o companheiro interpreta esse movimento como abandono: “Perdera o elo com os vivos e com os mortos seus. O que valia agora o barraco?” (Evaristo, 2020, p. 43-44).

Incapaz de compreender o processo de transformação de Ponciá, o companheiro recorre a uma lógica de controle e restauração da ordem, que culmina na violência física, ao tentar “trazê-la ao mundo à força” (Evaristo, 2020, p. 13), desferindo-lhe um soco. A relação não pode ser lida como amorosa, já que, para bell hooks (2021), amor e violência são incompatíveis: “amor e abuso não podem coexistir” e “a ocorrência do abuso é uma evidência do fracasso da prática amorosa” (hooks, 2021, p. 42-44; 55).

Essa agressão não se configura como desvio individual. Ela expressa uma masculinidade produzida sob estruturas coloniais e patriarcais que interditam determinadas formas de elaboração afetiva. O silêncio da personagem expressa um regime histórico que limita possibilidades de vulnerabilidade, cuidado e reconhecimento subjetivo. Nesse sentido, aproxima-se do que Eni Orlandi denomina “política do silêncio”. A autora compreende essa categoria como um conjunto de interdições que organiza aquilo que pode ou não ser dito em determinadas formações sociais.

Como afirma a autora, há formas de silêncio ligadas “à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)” (Orlandi, 2007, p. 24). Em *Ponciá Vicêncio*, essa interdição não apenas limita a expressão emocional masculina, mas produz subjetividades incapazes de elaborar o afeto fora das lógicas de domínio e violência.

A nostalgia que o marido de Ponciá manifesta, o desejo de retorno à “outra Ponciá” (Evaristo, 2020, p. 32), não se refere à recuperação de um vínculo afetivo, mas à reinstauração de uma relação funcional, em que a mulher era “laboriosa” e emocionalmente acessível, demonstrando a recusa de sua transformação subjetiva e a tentativa de restabelecer o domínio. A relação passa então a ser marcada por violência sistemática, física e simbólica, na qual Ponciá é silenciada, chamada de “louca” e tratada com indiferença diante de seu sofrimento (Evaristo, 2020, p. 20, 31, 56). Esse padrão é elucidado por bell hooks (2021), ao afirmar que “a maioria das crianças abusadas foi ensinada que amor pode coexistir com abuso (...) esse pensamento molda nossas percepções adultas do amor” (hooks, 2021, p. 44-45), o que ajuda a compreender a reprodução de uma concepção distorcida de amor, na qual violência e afeto não se excluem.

A ruptura desse padrão ocorre apenas quando o personagem se confronta com a dimensão irreversível da destruição causada, iniciando um deslocamento marcado mais pela percepção de sua dificuldade de amar do que por uma aprendizagem efetiva. Nesse sentido, hooks observa que “a verdade é que, em nossa cultura, muitas pessoas não sabem o que é o amor” (hooks, 2021, p. 48). Esse reconhecimento não configura redenção, mas abertura para mudança, ainda que atravessada por culpa e pelo cuidado hesitante diante da dor infligida (Evaristo, 2020, p. 62-63). Ao final, o medo de perder Ponciá o leva a abandonar a lógica da posse, reconhecendo que “Ponciá Vicêncio precisava, apenas, de viver os seus mistérios, cumprir o seu destino” (Evaristo, 2020, p. 70), o que sinaliza uma forma incipiente de reconhecimento da alteridade, na qual o amor deixa de ser domínio e passa a ser, ainda que fragilmente, aceitação da autonomia do outro.

A trajetória do personagem apresenta uma masculinidade negra atravessada por contradições: produto das violências estruturais do racismo e do patriarcado, mas também reprodutora dessas mesmas violências no espaço íntimo. Não se trata de uma história de redenção, mas da exposição crítica de um modelo de masculinidade que precisa ser desfeito para que outras formas de existência, fundadas no cuidado, na escuta e na vulnerabilidade, possam emergir.

6 SOLDADO NESTOR: AFETO AMBÍGUO E ADAPTAÇÃO AO MUNDO DA BRANQUITUDE

Soldado Nestor surge na narrativa como a figura que introduz Luandi à institucionalidade urbana, ao prendê-lo e levá-lo à delegacia (Evaristo, 2020, p. 41). Esse primeiro gesto, que poderia marcar apenas uma relação de autoridade, transforma-se, no entanto, em ponto de inflexão: é a partir dele que se estabelece um vínculo constituído simultaneamente por hierarquia, identificação e afeto.

A aproximação entre os dois não se dá por igualdade de posição, mas por reconhecimento implícito de trajetórias semelhantes. Ambos compartilham a origem rural e o deslocamento para a cidade (Evaristo, 2020, p. 59, 63), porém Nestor se encontra em um estágio distinto: alfabetizado, empregado e inserido na máquina estatal, ele encarna uma forma possível de mobilidade dentro de uma estrutura que continua sendo racialmente hierarquizada. Essa diferença não elimina a identificação, mas a tensiona. Embora nunca plenamente assumido em público, o vínculo afetivo que Nestor estabelece com Luandi é inequívoco:

(...) Nestor gostava de Luandi (...) tinha vontade, às vezes, de chamá-lo de irmão, mas quando estava perto do outro soldado, o branco, ou do delegado mantinha distância. (...) Soldado Nestor quando podia, quando o delegado e o soldado branco não estavam de plantão, sozinho, ensinava a Luandi assinar o nome. Ficava preocupado com o moço, ele queria, porque queria ser soldado (Evaristo, 2020, p. 45).

Esse trecho é central porque revela a lógica que organiza sua subjetividade; o afeto existe, mas é condicionado. Ele não desaparece, ele é administrado. A presença de sujeitos brancos não elimina o vínculo, mas o desloca para a clandestinidade. Aqui está o ponto que diferencia Nestor de Luandi: não se trata mais de um sujeito que desconhece o sistema, mas de alguém que aprendeu a operar dentro dele, regulando sua própria expressão afetiva como estratégia de sobrevivência.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz de Frantz Fanon, não mais na chave da descoberta da alienação (já trabalhada em Luandi), mas na sua internalização prática. Quando Fanon afirma que o sujeito negro passa a se orientar pelo olhar do outro, ele não descreve apenas um estado psíquico, mas um regime de comportamento: “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro (...) é uma consequência direta da aventura colonial” (Fanon, 2008, p. 33).

No caso de Nestor, essa duplicidade não é apenas vivida, ela é gerida com precisão. Diante de Luandi, ele ensina, cuida, acolhe; diante do delegado e do soldado branco, ele se recalibra, silencia, se distancia. Trata-se de uma masculinidade marcada pela regulação estratégica do afeto. Essa regulação se evidencia ainda mais no episódio posterior à morte de Biliza, quando o delegado explicita um discurso abertamente racista: “(...) quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muito poucos, eram como o Soldado Nestor e ele” (Evaristo, 2020, p. 68).

A cena é reveladora não apenas pelo conteúdo da fala, mas pela posição em que Nestor é colocado, ele é simultaneamente incluído (como exceção) e reafirmado como diferente. Trata-se de um mecanismo clássico de legitimação racista, a exceção que confirma a regra. O que importa aqui é a reação de Nestor: “Soldado Nestor olhou desconcertado para Luandi” (Evaristo, 2020, p. 68). Ele não confronta o delegado. Também não concorda. Seu gesto é mínimo, mas significativo, um desconcerto que revela consciência sem ruptura. Esse silêncio não pode ser lido como passividade. Ele é efeito de uma posição estrutural em que o confronto direto implicaria risco de exclusão ou violência.

Nesse sentido, a leitura de Neusa Santos Souza ajuda a compreender o mecanismo em jogo. Ao discutir a inserção do sujeito negro em espaços dominados pela branquitude, a autora aponta que a aceitação depende de uma vigilância constante de si: “O negro deixa de se comportar como indivíduo capaz de ação. A finalidade de sua ação, então, será Outro (na forma de branco)” (Souza, 2021, p. 63). Nestor veste essa condição. Sua conduta não é orientada apenas por sua vontade, mas pela necessidade de manutenção de sua posição. O afeto torna-se um território de risco que precisa ser contido.

Ainda assim, reduzir Nestor a um sujeito alienado seria uma leitura simplificadora. Seus gestos, ensinar Luandi a escrever, acompanhá-lo no luto, demonstrar preocupação, indicam que sua subjetividade não

foi completamente capturada. Há, nele, uma insistência do humano que escapa à lógica institucional. Essa ambiguidade é fundamental: Nestor não é nem o sujeito plenamente assimilado, nem o resistente explícito. Ele ocupa uma zona intermediária, em que o cuidado existe, mas sob vigilância; em que a solidariedade se manifesta, mas de forma codificada.

Nesse sentido, a contribuição de Ribeiro e Faustino (2017, p. 14) permite avançar a análise ao compreender as masculinidades negras como processos ambivalentes e situados. Nestor não representa uma falha moral ou uma adesão simples ao sistema, mas uma forma específica de subjetivação, uma masculinidade que precisa equilibrar pertencimento racial, sobrevivência institucional e expressão afetiva. Sua relação com Luandi, portanto, não é rasa, ao ensiná-lo a assinar o nome, Nestor não oferece apenas uma habilidade técnica, mas um instrumento de inserção social. Ao mesmo tempo, ao esconder esse gesto, revela os limites dessa própria inserção.

A tensão que o constitui permanece irresolvida ao longo da narrativa. Diferentemente de Luandi, que caminha para uma reconexão com suas raízes, Nestor permanece no interior da estrutura, operando suas contradições sem superá-las. É justamente aí que reside sua força como personagem, pois ele exprime que, para muitos sujeitos negros, a resistência não se dá fora do sistema, mas dentro dele, em negociações silenciosas, afetos contidos e gestos mínimos de cuidado. Assim, Soldado Nestor representa uma masculinidade marcada não pela ausência de sensibilidade, mas pela sua restrição. Seu afeto, longe de inexistente, é constantemente vigiado, recalibrado e deslocado. Ainda assim, insiste em emergir, mesmo que apenas nos intervalos permitidos pela ordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das masculinidades negras em *Ponciá Vicêncio* demonstra que o silêncio que as organiza não constitui vazio ou ausência discursiva. Trata-se, antes, de uma forma histórica de contenção e organização dos afetos inscrita na colonialidade do ser. A experiência de personagens como Vô Vicêncio, o pai de Ponciá, Luandi e Soldado Nestor, bem como a trajetória do marido de Ponciá, cuja contenção afetiva se converte em violência doméstica, expõe modos de subjetivação historicamente produzidos sob violência racial e patriarcal. A expressão emocional é constantemente limitada, deslocada ou mediada por relações de poder.

As diferentes configurações analisadas revelam formas distintas de atuação dessa interdição. Ao contrário, ela se manifesta como campo de tensões: do colapso psíquico à contenção aprendida, das estratégias de adaptação às formas de regulação institucional, até a internalização da violência que se desdobra na reprodução da opressão no espaço doméstico. Delineia-se, assim, uma masculinidade

marcada por contradições, na qual coexistem desumanização, sobrevivência e possibilidades precárias de resistência.

O romance desestabiliza representações naturalizadas da masculinidade negra ao reinscrever o afeto como campo de disputa política. O silêncio emerge como marca histórica das limitações impostas à subjetividade negra e das estratégias elaboradas para sobreviver a elas. Ao mesmo tempo, a narrativa mostra que sujeitos submetidos à violência estrutural também podem reproduzir formas de dominação, como demonstra a trajetória do marido de Ponciã.

É nessa chave que *Ponciã Vicêncio* tensiona a masculinidade negra ao apresentá-la não como essência ou dado fixo, mas como efeito de uma formação histórica e afetiva específica. Sua transformação deixa de se colocar como tarefa individual e passa a exigir uma reorganização ética das formas de convivência, cuidado e reconhecimento. O que o romance evidencia, portanto, é a necessidade de imaginar outras possibilidades de existência fundadas na escuta, na vulnerabilidade, na partilha do humano e na recusa radical de que o afeto, sob quaisquer condições, se converta em dominação.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, C. **Ponciã Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silva. Salvador: EDUFBA, 2008.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MALDONADO-TORRES, N. **Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PINHO, O. ; SOUZA, R. M. Subjetividade, cultura e poder: politizando masculinidades negras. *In: Cadernos de Gênero e Diversidade*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 40–46, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/33751>>. Acesso em: 25 jun. 2025.

RIBEIRO, A. A. M.; FAUSTINO, D. M. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. *In: Revista Transversos*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 163-182, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2021.

SOUZA, R. R. As representações do homem negro e suas consequências. *In*: **Fórum Identidades**, Seropédica, v. 6, n. 3, p. 98-104, jul-dez. 2009.